

ISSN 0101-3335

# LETRAS DE HOJE

Nº 78

DEZEMBRO DE 1989

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras

Centro de Estudos da Língua Portuguesa

**Letras de Hoje**  
**estudos e debates de**  
**assuntos de lingüística,**  
**literatura e língua**  
**portuguesa**

## EXPEDIENTE

### LETRAS DE HOJE

Fundada em 1967

#### Administração:

Avenida Ipiranga, 6681

Caixa Postal 1429

90620 Porto Alegre – RS – BRASIL

Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras/Centro de Estudos da Língua Portuguesa em convênio com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e FAPERGS.

#### Diretor:

Prof. Ir. Elvo Clemente

#### Assessoria Editorial:

Maria Eunice Moreira

#### Conselho Editorial:

Para assuntos lingüísticos: Augustinus Staub, José Marcelino Poersch, Leonor Scliar Cabral, Leci Borges Barbisan, Feryal Yavas e Mehmet Yavas.

Para assuntos literários: Gilberto Mendonça Teles, Heda Maciel Caminha, Petrona Dominguez de Rodrigues Pasquês e Regina Zilberman.

Para assuntos interdisciplinares: Ignacio Antônio Neis e Urbano Zilles.

A Revista aceita contribuição de sua especialidade.

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

A revista aceita trocas.

*On demande l'échange.*

*We ask exchange.*

#### Preço da assinatura:

– 4 números anuais:

Brasil: NCz\$ 30,00

Exterior: US\$ 30

– Número avulso: NCz\$ 15,00

Os pagamentos podem ser feitos por cheques bancários ou através de vale postal em favor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

## SUMÁRIO

Leci Borges Barbisan – Apresentação .....	5
Ir. Adelino da Costa Martins – O “Provençal” língua materna de Champagnat .....	7
Heda Caminha Maurice – Leitura/Análise/Leitura .....	15
Roque Amadeu Kreutz – Virtualidades argumentativas iminentes ao discurso .....	29
Ana Maria T. Ibaños – Análise argumentativa: uma avaliação proposta de Kopperschmidt .....	41
Viviane Maria Heberle de Oliveira – Sugestão de um roteiro para análise de textos argumentativos .....	55
Ana Maria de Mattos Guimarães – A construção de narrativas orais por pré-escolares: análise dos recursos coesivos empregados .....	63
Ana Maria Zilles Gonçalves – Continuidade tópica e referencial em narrativas orais de crianças de 4 a 6 anos .....	79
M. Luiza Baethgen Oliveira – A importância dos itens lexicais como fatores de coesão em “O jardim do diabo” de L. F. Veríssimo .....	97
Marcia C. Santos e Marlene L. Teixeira – A análise do discurso na escola de segundo grau .....	111
Resenhas .....	137

## APRESENTAÇÃO

Este número, de dezembro de 1989, da revista LETRAS DE HOJE é dedicado à reflexão sobre alguns aspectos relativos a texto e a discurso.

A importância da análise para a leitura do texto constitui o tema do artigo de Heda Caminha-Maurice, Alice Campos Moreira e Ir. Elvo Clemente.

O texto argumentativo encontrará aqui três abordagens. A primeira, de Roque Amadeu Kreutz, apresenta o tema, o tipo de texto, o assunto, a variante lingüística, a lógica argumentativa, os meios de materialização como sendo alguns dos aspectos que podem favorecer uma estratégia argumentativa eficaz. A estruturação dos argumentos é analisada por Ana Maria Ibaños, que aplica e critica o modelo de Kopperschmidt (1985) para o estudo da argumentação. Finalmente, Viviane Heberle de Oliveira propõe um roteiro para orientar a leitura de textos argumentativos por alunos em sala de aula.

As narrativas orais produzidas por pré-escolares se torna o centro de interesse do artigo de Ana Maria de Mattos Guimarães que analisa a macroestrutura narrativa e mecanismos coesivos (referência, conjunção, organização lexical, organização frásica, relação tempo/aspecto) nessas produções. Ana Maria Zilles Gonçalves faz um estudo da continuidade tópica em narrativas orais de crianças de 4 a 6 anos.

O texto literário mereceu a atenção de Maria Luiza Baethgen Oliveira que estuda a importância da coesão lexical para a identificação de personagens no romance "O Jardim do Diabo" de Luiz Fernando Veríssimo. Márcia Cappellano dos Santos e Marlene Lopes Teixeira, por sua vez, sugerem uma interpretação do discurso

literário em sala de aula a partir dos protagonistas do ato de linguagem, utilizando-se da proposta de Charaudeau (1983).

Com o artigo sobre o provençal, do Ir. Adelino da Costa Martins, LETRAS DE HOJE quer prestar uma homenagem ao bicentenário do nascimento de Marcelino Champagnat, fundador da Congregação dos Irmãos Maristas, que se comemora este ano.

Espera-se que este número possa interessar a professores e pesquisadores que lidem com texto e discurso.

**Leci Borges Barbisan**

Organizadora

## O "PROVENÇAL" LÍNGUA MATERNA DE CHAMPAGNAT\*

**Ir. Adelino da Costa Martins**

PUCRS

"A língua não é apenas o instrumento da cultura, mas é a cultura mesma. É a forma viva do pensamento e constitui o homem. É pela língua materna que se opera o acesso à humanidade com a maior espontaneidade e riqueza. As palavras da língua materna atingem em cada um uma soma de memória afetiva e a experiência efetiva que nenhuma outra língua consegue despertar."<sup>1</sup>

### ORIGENS DA LÍNGUA FRANCESA

Como as demais línguas românicas, o francês provém do latim através da dominação da Gália pelos romanos. Na época feudal surgem inúmeros dialetos que cobrem toda a França. Uma linha que passa à altura do rio Loire dividia o país em dois tipos de dialetos ou "falares": os "dialetos do Norte" e os "dialetos do Sul". Os do Sul afirmavam com a palavra "OC" enquanto os do Norte com "Oï", dando origem ao "Oui" do francês moderno.

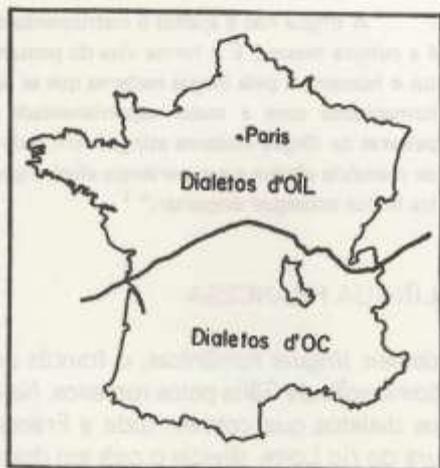
Com efeito, foi o dialeto de l'Île de France, região que se estende aos arredores de Paris, que se tornou pouco a pouco língua

\* A revista *Letras de Hoje* homenageia por este artigo o Bicentenário de nascimento de Marcelino Champagnat.

\*\* Ir. Adelino da Costa Martins é licenciado em Letras Neolatinas, pós-graduado em Linguística Aplicada ao Ensino do Francês. É professor de Língua Francesa e Cultura Francesa no Instituto de Letras e Artes da PUC onde dirige também o Centro de Tecnologias Educativas (CTE) e o Laboratório de Línguas.

1 - Georges Monvel. *Encyclopédie pratique de l'éducation en France*. Paris, I.P.N., 1960.

nacional. Era um dos dialetos d'Oïl, o "francien". Contribuiu para esta expansão a centralização política, econômica e administrativa da região e seu predomínio cultural sobre as demais regiões. Apesar de tudo, em diversas províncias subsistiram os "patois" locais nascidos da "contaminação" entre os dialetos primitivos e o "francien". Foi o caso do Provençal que permaneceu como uma verdadeira língua regional. Ilustrado pelos trovadores do século XII e valorizado pelo poeta Mistral no século XIX, é falado ao mesmo tempo que o francês por cerca de 10.000.000 de pessoas, desde o Centro até à fronteira com a Espanha.



## EVOLUÇÃO LENTA DA LÍNGUA FRANCESA

Falado na corte e nos meios cultos, foi lentamente que o francês se expandiu. Veio a firmar-se como língua nacional apenas a partir do início do século passado.

Uma das primeiras tentativas de expansão do francês foi a "ordenação" de Villiers-Cotterets em 1539 que impunha a todas as paróquias os registros civis de nascimento, casamento e falecimento em francês.

A língua de escolarização assim como a língua de cultura era o latim. "Sans le latin on n'est qu'un parvenu", dizia Dupanloup.

Foram os jesuítas que através da "Ratio Studiorum" mantiveram por mais tempo em seus colégios e seminários o predomínio do latim sobre o francês.

Aos Irmãos das Escolas Cristãs, opondo-se a uma feroz resistência, coube o mérito de introduzirem já no século XVIII o francês como língua de alfabetização em suas escolas. Na "Conduite des Ecoles" adotada definitivamente por Champagnat (Cf. Regras de 1837)<sup>2</sup> estava prescrito: "Ensinar-se-á a ler em latim às crianças que souberem superficialmente ler em francês; isto nas segundas e grandes classes" (Conduite 1837, p.39).<sup>3</sup>

No entanto, a preocupação do ensino generalizado do francês parte da Revolução. Antes, a França estava dividida em regiões com suas administrações, suas moedas e medidas, suas fronteiras e respectivas alfândegas e seus dialetos. A Revolução tentou traduzir todos os documentos revolucionários em francês para que fossem entendidos em todas as comunas. Resolveu, no entanto, pelo decreto de 1794, em pleno terror, enviar às comunas dos vários departamentos professores primários para que ensinassem o francês. Isto interessava à Revolução para a propagação das idéias revolucionárias. Com a divisão do país em departamentos, distritos, cantões e comunas, com o estabelecimento do sistema métrico, moeda única (franco), impostos unificados, tentou fundamentar o Estado democrático moderno.

Até que ponto este decreto atingiu as regiões mais afastadas como o Forez (Loire) onde vivia a família Champagnat?

## "ENVIARAM-NO A UM MESTRE-ESCOLA PARA APERFEIÇOÁ-LO NA LEITURA"

Diz o Ir. João Batista em sua biografia sobre Marcelino Champagnat que "desde que começou a falar, a maior preocupação de sua mãe foi ensinar-lhe as orações ordinárias do cristão".<sup>4</sup> Mas em

2 - *Règles des Petits Frères de Marie*. Lyon, Imprimerie de F. Guiot, 1837.

3 - *Conduite à l'Usage des Ecoles Chrétiennes*. Lyon, Procure Générale, 1837.

4 - *Vie du Bienheureux Marcelin Champagnat par un de ses premiers disciples, Emmanuele VITTE*, Lyon, 1897.

que língua começou ele a falar? Em que língua sua mãe lhe ensinou as primeiras orações?

A mesma pergunta nos podemos fazer mais especificamente no episódio da leitura, em seu primeiro dia de aula, quando o professor deu uma sonora bofetada no coleguinha que se adiantou para ler no lugar dele. Seu biógrafo diz textualmente: "Sua mãe e sua tia não tendo podido ensinar-lhe a ler senão muito imperfeitamente, enviaram-no a um Mestre-Escola para aperfeiçoá-lo na leitura e ensinar-lhe a escrever". (Cap. I, p.5 da citada biografia)

Na família Champagnat, mesmo que o pai de Marcelino falasse corretamente o francês, utilizava-se certamente o "patois", sub-dialeto do Provençal. Conforme diz o Ir. João Batista, "o pai de Champagnat tinha uma cultura avançada para o seu tempo". Devido às funções públicas que ocupava na Comuna de Marlihes, sobretudo durante a Revolução, tinha forçosamente que saber falar, ler e escrever em francês.

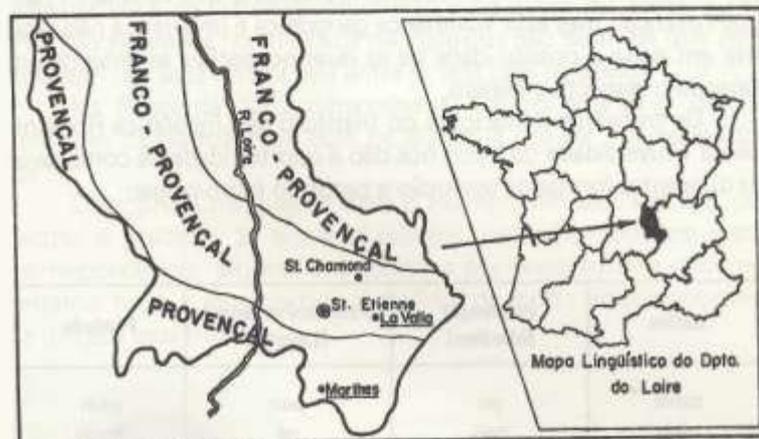
Como é sabido, aprendia-se a silabar e a ler a partir do latim. Ainda que os Irmãos das Escolas Cristãs tivessem inovado com a introdução do francês na alfabetização, certamente não tinham atingido esta região afastada, pois suas escolas limitavam-se a algumas cidades.

Onde e como o pai de Marcelino aprendeu o francês? Os autores silenciam. Por sua vez, Marcelino foi enviado à escola "para aperfeiçoar-se na leitura". O Mestre-Escola de Marcelino ensinava a ler em francês ou em latim? Tudo leva a crer que era em latim, pois certamente a Revolução ainda não tinha enviado um "instituteur" (professor primário) a Marlihes para ensinar o francês. A não ser que o Mestre-Escola se propusesse a ensiná-lo, pois muitos deles eram antigos soldados que de volta das guerras ou da caserna, não tendo mais o que fazer, tornavam-se Mestre-Escola. No contato prolongado em centros mais cultos, na caserna e com os demais soldados, aprendiam e utilizavam o francês como veículo comum de comunicação. Qualquer um que tivesse certos conhecimentos básicos como ler, escrever e contar podia tornar-se Mestre-Escola. Propunha-se ensinar o que sabia ou o que podia.

## EM MARLHES FALAVA-SE UM SUB-DIALETO DO PROVENÇAL

A cidade natal de Marcelino Champagnat situava-se na região da Occitânia, portanto na região dos "falares" de "OC".

Piéri Zind afirma que a família Champagnat falava o "Occitant" com uma mistura de "Auvergnat", dialeto do centro do país. Já o Ir. Gabriel Michel diz que ele falava o Provençal, o que vem a ser praticamente a mesma coisa.



DESENHO AGÊNCIA EXPERIMENTAL PP-PUC

O Instituto de Lingüística Românica da Universidade de Lyon,<sup>5</sup> através de suas pesquisas estabeleceu um mapa lingüístico de toda a região do Forez, demarcando três faixas lingüísticas mais ou menos paralelas distinguindo três regiões onde se fala o Provençal:

- 1 – Franco-Provençal, nuance lionesa
- 2 – Franco-Provençal propriamente dito
- 3 – Provençal

5 – Carte linguistique du Forez (Département de la Loire), Institut de Linguistique Romane de l'Université Catholique de Lyon.

Situa na zona Franco-Provençal propriamente dita as cidades de Saint-Etienne, Saint-Chamond e também Lavalla. Já a cidadezinha de Marlihes, terra natal de Champagnat fica na zona Provençal.

Este mapa lingüístico nos apresenta a diversidade dos "falares" da Occitânia, e comprova a existência de uma base comum a todas estas variações.

Na realidade a diversificação apresenta-se bem mais minuciosa. Citando Pierre Grimal o Ir. Gabriel Michel diz que "de fato, entre os povos chamados 'Occitânicos', das Landes à Provença, há tantas línguas (sic) como aldeias ou mesmo paróquias".

Marlihes, portanto, é Provençal, enquanto que Lavalla é Franco-Provençal; mas esta vizinhança geográfica e lingüística não facilita em nada a possibilidade de as duas povoações se entenderem falando o respectivo dialeto.

Os trabalhos minuciosos do Instituto de Lingüística Românica da Universidade de Lyon nos dão a oportunidade de comprovar as diferentes formas de evolução a partir do latim vulgar:

Latim	Provençal (Marlihes)	Franco-Provençal (Lavalla)	Francês
panis	pa	pan	pain
nivis	neu	né	neige
pater	paire	pare	père
clavis	clau	cla	clé, clef
vacca	vatso	vatchi	vache

As diferenciações vocabulares é necessário acrescentar as pronúncias, as entoações, as formas das construções das frases, etc. Portanto, as populações de Lavalla dificilmente se fariam entender pelas de Marlihes. Ainda que o pai de Marcelino falasse corretamente o francês, certamente a família Champagnat e seus vizinhos falavam este subdialeto Provençal.

## CHAMPAGNAT PREGAVA EM PATOIS?

Respondendo às perguntas que lhe eram formuladas sobre a possibilidade de o Pe. Champagnat fazer suas prédicas em patois em Lavalla, Gabriel Michel exclui esta possibilidade. Não se faria entender.

Como sacerdote, educador e fundador, Champagnat não podia ater-se ao uso dos "patois". Certamente o exemplo paterno lhe servia de norma. Era o francês que ele utilizava no contato com as autoridades revolucionárias e celebrava as solenidades impostas pelas mesmas. O "patois" era para Champagnat certamente uma característica de subdesenvolvimento para quem se atinha a ele. Por isso mesmo e por motivos pedagógicos não permitia que dele fizessem uso seus Irmãos seja entre si, seja com os alunos.

Na Regra de 1852 determinava: "Nunca falarão o 'patois' uns com os outros, nem com os alunos, a não ser por necessidade".<sup>6</sup>

O próprio Champagnat dava o exemplo em seus escritos, palestras e prédicas. Se em seus escritos, particularmente na vasta correspondência, seu estilo é sóbrio e por vezes austero, sabe no entanto tocar a sensibilidade e o afeto, de modo especial quando se dirige a seus Irmãos.



"Suas palavras são suaves e agradáveis como as rosas." (Via, chap. V, p.47)

No entanto, era em suas instruções e sermões que sabia utilizar a língua para atingir os corações. Já no Seminário menor de Verrière, seu biógrafo dizia dele: "como tinha uma certa eloquência natural e um tom persuasivo, seus discípulos escutavam-no com prazer, reconduzindo vários ao dever". Diz ainda seu biógrafo que suas prédicas tinham sempre um grande auditório, ocorrendo as populações a ouvir seus sermões: "Nunca ouvimos aqui outro padre que pregasse tão bem como ele". E acrescenta: "Seus gestos, seu tom de voz, sua palavra viva, forte e animada, tudo era propício a impressionar seus ouvintes e a comovê-los".<sup>7</sup>

Diz Gabriel Michel que se o Padre Champagnat tivesse feito seus sermões em "patois", as populações de Lavalla de modo nenhum teriam dito dele: "Ele é do **Rosey**; assim, suas palavras são suaves e agradáveis como as rosas".

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MICHAUD, G., TORRÈS, G. *Nouveau Guide France*. Paris, Hachette, 1978.
2. MICHEL, Gabriel. *Trabajos sobre el Padre Champagnat*. Montevideo, Editora Rivet, Intern, 1982.
3. MONVEL, André Boutet. *Encyclopédie pratique de l'éducation en France - I.P.N.* Paris, Ministère de l'Éducation Nationale, 1960. Cap. XVII.
4. PROST, Antoine. *Histoire de l'enseignement en France, 1800-1967*. 2.ed., Paris, Librairie Armand Colin, 1968.
5. ZIND, Pierri. *Visão histórica da educação na Europa*. Belo Horizonte, 1987.
6. *Carte Linguistique du Forez (Département de la Loire)*. Institut de Linguistique Romane de la Faculté Catholique de Lyon.
7. *Conduite à l'usage des Ecoles Chrétiennes*. Paris, Procure Générale, 1916.
8. *Règles des Petits Frères de Marie*. Lyon, Imprimerie de F. Guiot, 1837.
9. *Vie du Bienheureux Marcellin Champagnat, par un de ses premiers disciples, Emmanuel VITTE*. Lyon, 1897.

---

7 - *Vie du Bienheureux Marcellin Champagnat par un de ses premiers disciples, Emmanuel VITTE*. Lyon, 1897.